

o devir
feminino
como possibilidade:
toda vulva diz cus são,
de le tícia conde

*Larissa da Silva Lisboa Souza**

É com muito entusiasmo que temos visto um florescimento da literatura em espaços coletivos e eventos diversos, a exemplo do Sarau das Pretas, grupo que propõe a visibilidade das produções artísticas de mulheres negras da cidade de São Paulo. Diante desse cenário, novas escritoras destacam-se, trazendo não apenas seus textos, como também a leitura dramática, a performance e a poesia declamada como um exercício artístico.

Nesse sentido, a literatura oral é instrumento de ação na divulgação dos textos, pela união da poesia com outras manifestações artísticas, a exemplo da expressão corporal que possibilita um contato mais direto com os participantes dos eventos. É interessante pontuar que muitos desses novos nomes, como as integrantes do Coletivo Feminista

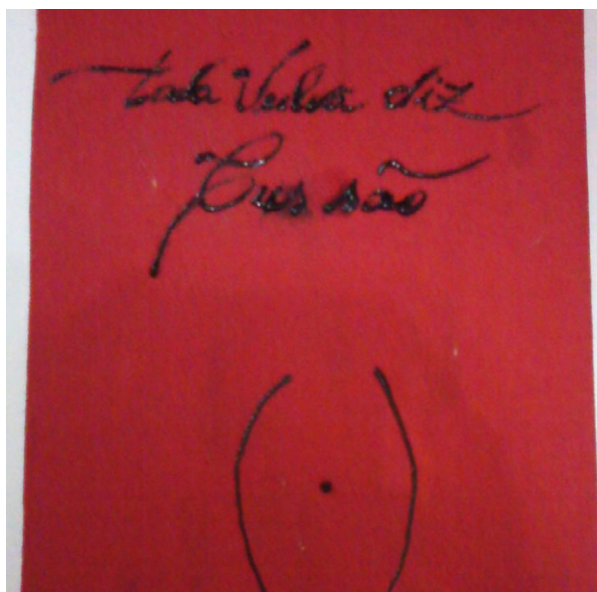
Maranhense Firminas, têm preferido a produção artesanal como um caminho potencial para a divulgação de seus trabalhos, hoje também aliado às redes sociais, pela facilidade com que as informações circulam ali.

Inúmeras são as mulheres que atualmente têm produzido e divulgado seus trabalhos longe do encarceramento editorial, confeccionando livros artesanais com pequenas tiragens e promovidos em espaços não convencionais, como bares, eventos literários, feiras etc. Os trabalhos artísticos da escritora cearense Jarid Arraes, sobre questões de gênero e raça, são exemplos dessas escolhas independentes, ao serem produzidos como cordéis com temas diversos.

É o que também acontece com a escritora e *performer* Le Tícia Conde e seu primeiro livro, *Toda Vulva Diz Cus São*, publicado de forma artesanal em 2014, em pequenas tiragens confeccionadas pela própria artista. Um trabalho cuidadoso, que resultou em um belo formato estético: uma capa de papelão coberta por um tecido vermelho, chamando a atenção do leitor para o título, escrito a mão com tinta preta, acompanhado de um símbolo que sintetiza a temática do livro: um ponto dentro de um parêntese, conforme elucidado com mais detalhamento adiante neste texto.

A produção do livro nos remete aos tempos da Geração Marginal, na década de 70 do século passado, em que muitos escritores divulgavam seus materiais em zines, como forma de burlar a censura instaurada pela Ditadura Militar. Se essa geração tinha motivos políticos claros para construir estratégias alternativas de divulgação, de modo que seus textos pudessem ser lidos, quais seriam as razões para que novos escritores do século XXI retomem o trabalho artesanal?

O conteúdo dos textos de Le Tícia Conde talvez seja uma possibilidade para pensarmos sobre a necessidade de ludibriar novas censuras, instauradas em um



TODA VULVA DIZ CUS SÃO | FOTO: LETÍCIA CONDE

contexto político-social marcado pela destituição ilegítima de uma mulher, a Presidenta da República Dilma Rousseff, através de um golpe antidemocrático, e refletirmos também a respeito do conservadorismo cada vez mais evidente na sociedade brasileira, que reverbera na perda de direitos conquistados, inclusive aqueles das mulheres, a exemplo dos retrocessos na descriminalização do aborto, uma discussão fundamental na obra da escritora aqui abordada.

Le Tícia Conde é natural de São José dos Campos, município do Estado de São Paulo. Formada em Administração e Linguística, atualmente dedica-se ao estudo da performance unida à literatura, em escolas de teatro na cidade de São Paulo. No livro *Toda Vulva Diz Cus, São* a temática do feminino atravessa toda a obra, sem receio de tocar em temas ainda tabus, como o aborto acima citado. A escolha dessas reflexões, tão caras para a discussão de gênero, é ainda pouco visível nas escritas de autoria feminina no Brasil que circulam no mercado editorial.

O texto de Le Tícia Conde é dividido em três partes: masturbações (com pequenas histórias), gozadas (poesia) e rapidinhas (aforismos). É curioso observar que a construção estrutural do livro remete ao exercício da sexualidade corpórea, de modo que o corpo feminino permeia a obra e todas as suas potencialidades, desde as descobertas do prazer, da dor e dos traumas que ele experiencia. Observa-se conjuntamente a elaboração de um eu lírico que discute a busca pelo prazer corpóreo e suas chagas, inseridos no cotidiano da mulher brasileira.

A denúncia à continuidade de uma visão patriarcal e machista, somada à constante violência contra a mulher, é recorrente em todo o texto. É notório demonstrar, entretanto, a dissonância encontrada no decorrer da obra, visto que, enquanto no primeiro poema que abre a segunda parte da obra (gozadas), as primeiras estrofes são: “As mulheres não trepam/as mulheres não gozam/ o gozo feminino incomoda” (CONDE, 2014, p.8), nos textos seguintes há uma mulher mais livre, que “corre

com os lobos” e que goza, “E ela dá com gosto/ e goza na nossa cara” (CONDE, 2014, p.10).

O patriarcado e o machismo se unem ao racismo na construção discursiva dos corpos ainda colonizados: “O Brasil teve colonização de estupramento... O sexo nos povoa” (CONDE, 2014, p.45) e nos exemplos paradigmáticos de mulheres negras sitiadas nos espaços domésticos, onde se “chora/pelo marido/ pela esposa/ pelo filho/ pela cebola que corta/ cozendo o leite/ que vai beber mais tarde (...)” (CONDE, 2014, p.8). Os poemas de Le Tícia Conde destacam o choro da mulher, vítima da sociedade, “Mulher/olhar úmido/num mar/-maré de vista/ marejamento (...)” (CONDE, 2014, p.41).

Outra característica interessante e muito particular nos textos da escritora é a temática do cu como possibilidade do desejo feminino. Enquanto o cu é recorrente na literatura de autoria masculina, ligado a um processo de resistência dos movimentos LGBTQs, Le Tícia Conde traz um eu lírico feminino que vivencia o gozo feminino não apenas através da vagina, e cria, inclusive, um cu personificado: “Cu que invade/Cu que alarde/ Cu que esperneia/ porque tem braços e vontades/ corpo, mente e espaço/ e me toma por inteira (...)” (CONDE, 2014, p.31).

Na direção das palavras da escritora, “esse não é um poema bonito/ não é sobre amor/ ou transar ou meter (...)” (CONDE, 2014, p. 16), sua escrita vai além da temática do erótico, porque traz o feminino para questionar as inúmeras violências sofridas, como o estupro ou mesmo o aborto: “Quando eu abortei/pari em mim/ uma eterna dor” (CONDE, 2014, p. 45).

Talvez, pela escolha dos temas trabalhados na obra, o título represente o corpo feminino que fala ou discute, tal qual a escritora propõe a partir da (re)construção das palavras (*Diz Cus São*), enquanto desconstrói o mito da vagina dentada, pois a mulher em Le Tícia Conde não se limita à dimensão uterina. Ademais, o símbolo na capa do livro, um ponto entre um parêntese, não

poderia representar, então, a vulva ou o cu, como possibilidades do devir feminino?

Por tudo isso, o livro de Le Tícia Conde é uma boa contribuição para as literaturas de autoria feminina, pois avança além dos lugares comuns sobre a mulher. Sua trajetória legitima essa afirmação, pois a jovem escritora já conta com participações relevantes em eventos literários, a exemplo do Primeiro Festival Gaveta Livre, realizado na cidade de São Carlos em 2015, ao lado de grandes nomes da literatura contemporânea, como Andréa Del Fuego, Marcelino Freire e Lourenço Mutarelli. Diálogos e experiências frutíferas, que certamente contribuirão para novas produções literárias de sua autoria.

Referências bibliográficas

CONDE, Le Tícia. *Toda Vulva Diz Cus São*. São Carlos, 2015.

Links disponíveis sobre as escritoras citadas no texto:

Sarau das Pretas:

Link disponível em: <http://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2016/11/sarau-das-pretas-leva-a-consciencia-negra-as-periferias-6050.html> Acesso em: 14/03/2017.

Jarid Arraes:

Link disponível em: <http://www.afreaka.com.br/notas/escritora-negra-jarid-arraes-fala-sobre-sua-obra-e-influencia-nordestina/> Acesso em: 14/03/2017.

Coletivo Firminas:

Link disponível em: <https://coletivafirminas.wordpress.com/> Acesso em: 14/03/2017.